

POR QUE LER FREUD?

As teses fundamentais da Introdução à Psicanálise

Murillo Sapia

1. POR QUE LER FREUD AINDA HOJE? A PERMANENTE ATUALIDADE DE UMA INTRODUÇÃO	1
1.1 ENTRE DOIS PRECONCEITOS: DA REJEIÇÃO ESCANDALIZADA À BANALIZAÇÃO DOMESTICADA	1
1.2 O MÉTODO EXPOSITIVO DE FREUD: PRUDÊNCIA CIENTÍFICA E ARTE DE PERSUADIR	2
1.3 A PSICANÁLISE NÃO É UM SISTEMA FILOSÓFICO: A PRIMAZIA DA PRÁTICA SOBRE A TEORIA	3
1.4 CONHECER-SE A SI MESMO: O INTERESSE UNIVERSAL DA LEITURA DE FREUD	3
2. AS TESES FUNDAMENTAIS DA INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE	4
2.1 DUAS DESCOBERTAS, DUAS FERIDAS: O GOLPE NO ORGULHO HUMANO	4
2.2 O INCONSCIENTE COMO O ESSENCIAL DA VIDA PSÍQUICA	5
2.2.1 <i>A tese radical: o inconsciente é o próprio psíquico</i>	5
2.2.2 <i>O ponto de vista descritivo: pré-consciente e inconsciente propriamente dito</i>	5
2.2.3 <i>O ponto de vista dinâmico: recalque e censura</i>	6
2.2.4 <i>O retorno do recalcado: a psicanálise como desmistificação das satisfações ilusórias</i>	7
2.3 O PAPEL DECISIVO DA SEXUALIDADE	8
2.3.1 <i>A ampliação do conceito: contra a sexualidade “restrita”</i>	8
2.3.2 <i>A sexualidade infantil e a “perversidade polimorfa”</i>	9
2.3.3 <i>Princípio do prazer e princípio de realidade</i>	9
• LÓGICA DO TEMA (POR QUE LER FREUD E AS TESES FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE)	10
QUADRO SINÓTICO	11
REFERÊNCIAS	14

1. Por que ler Freud ainda hoje? A permanente atualidade de uma introdução

1.1 Entre dois preconceitos: da rejeição escandalizada à banalização domesticada

Precisamos, ainda, de uma introdução à psicanálise?¹ Afinal, palavras como **“complexo”**, **“recalque”** e **“neurose”** circulam no vocabulário cotidiano, e a *psicanálise conquistou lugar estável na vida social e cultural* - submeter-se à análise tornou-se prática corriqueira, e estudos sobre o

¹ Pergunta provocadora de Michel Haar, no início do seu *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

inconsciente aplicam-se até ao **consumo e às escolhas políticas**. O esforço de assimilação exigido dos contemporâneos de Freud já não é o nosso.²

Ocorre que a familiaridade gerou um preconceito novo, simétrico ao antigo. Se no início do século XX a psicanálise era acusada de **obscenidade** e **imoralidade**, hoje sua prodigiosa novidade dissolve-se em lugares-comuns: “ter complexos” virou sinônimo vulgar de “*ter inibições*”. No polo oposto, os psicanalistas modernos frequentemente se enclausuram num vocabulário **hermético**, inacessível aos não iniciados, **como se a doutrina fosse propriedade de especialistas**.³ Um “*psicanalitiquês*”.⁴

Ambas as deformações traem o espírito freudiano. Freud quis ser um **pedagogo para todos**: sua *Introdução à Psicanálise* reproduz fielmente cursos ministrados em 1915-1917 “diante de um auditório composto de médicos e leigos de ambos os sexos”. **Recuperar o sentido originário das ideias freudianas** - fora tanto da vulgarização quanto da exegese erudita - *exige repetir o esforço pedagógico que o próprio autor realizou e que nos pede que façamos*.⁵

1.2 O método expositivo de Freud: prudência científica e arte de persuadir

A leitura de Freud recompensa por si mesma: ele é claro, sóbrio e lógico, dominando com igual mestria a demonstração minuciosa, a arte de administrar o suspense - apresentando o caso clínico como um **enigma policial** cuja solução se aguarda - e a capacidade de sintetizar com simplicidade os caminhos complicados do labirinto psíquico. A extensão da

² Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

³ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

⁴ Neologismo alusivo ao “juridiquês”, que é a linguagem própria dos juristas.

⁵ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre). FREUD, Sigmund. *Introduction à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1970. (Petite Bibliothèque Payot).

obra (441 páginas) não é defeito, mas mensagem: uma abordagem científica exige prudência, precisão e longo convívio com a matéria.⁶

Por isso Freud não entrega suas conclusões de uma só vez. Cada lição acrescenta poucos elementos novos, deixando que os resultados **se imponham por si mesmos**, a partir da acumulação convergente de fatos. Haar adverte, contudo, para a dificuldade inerente a toda exposição da psicanálise: enunciam-se as hipóteses de base como se fossem verdades *a priori*, quando seu valor decorre justamente de terem sido confirmadas por longo trabalho sobre dados de experiência.⁷

1.3 A psicanálise não é um sistema filosófico: a primazia da prática sobre a teoria

Eis um ponto capital: na psicanálise, **a teoria não precede a prática**. Antes de ser doutrina sistematizável, ela foi - e permanece sendo - um método de cura das enfermidades psíquicas, cuja originalidade está em consistir apenas num **intercâmbio de palavras** entre paciente e analista. Como teoria, define-se por hipóteses que primeiro explicaram os fenômenos da cura e depois revolucionaram a compreensão do psiquismo em geral, permanecendo sempre revisáveis diante de fatos novos.⁸

Haar registra que as teses da *Introdução* não representam o estado definitivo do pensamento freudiano - Freud as revisará após 1920 -, mas o **núcleo essencial** da psicanálise jamais será posto em questão. Segue-se que a psicanálise não é uma crença, e sim uma **ciência** em contínuo enriquecimento, prometida a grande futuro.⁹

1.4 Conhecer-se a si mesmo: o interesse universal da leitura de Freud

⁶ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

⁷ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

⁸ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

⁹ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

A experiência que funda essa ciência, inicialmente médica, alarga-se até tornar-se a experiência de todo homem, do indivíduo normal. Daí o interesse maior da leitura: **aprender a conhecer-se**. “Aprende-se primeiro a psicanálise no próprio corpo, pelo estudo da própria personalidade”, diz Freud. As noções de normal e anormal, aliás, revelam-se insuficientes: o próprio Freud padeceu de neurose pouco antes de 1900, com alterações extremas de humor, depressão e angústia diante da morte e das viagens.¹⁰

Mesmo a quem fosse estranho a toda atitude neurótica, a psicanálise teria revelações a fazer: ela ilumina os **sonhos** e os **atos falhos** - os pequenos “defeitos” da conduta cotidiana, como lapsos, erros involuntários e esquecimentos. E seu interesse último é fornecer uma chave interpretativa para todas as produções humanas: a arte, a moral, a religião, a política. Extensão tão vasta, adverte Haar, só não degenera em especulação vaga se os conceitos de base forem clara e firmemente definidos.¹¹

2. As teses fundamentais da Introdução à Psicanálise

2.1 Duas descobertas, duas feridas: o golpe no orgulho humano

Desde as primeiras páginas, Freud sublinha os dois princípios dos quais jamais variou e que, segundo ele próprio, “chocaram todo mundo”: o **inconsciente**, que colidiu com um preconceito intelectual, e a **sexualidade**, que colidiu com um preconceito “estético-moral”. Haar prefere falar em *descobertas*: Freud descobriu terras novas, e o que se nomeava “inconsciente” e “sexualidade” não tem, depois dele, o mesmo sentido de antes.¹²

Essas descobertas destruíram a imagem tradicional do homem. Desde Platão, a filosofia pensou o ser humano como **“animal racional”**: reconhecia-lhe um fundo de animalidade e paixões obscuras, mas fundo

¹⁰ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre). FREUD, Sigmund. *Introduction à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1970. (Petite Bibliothèque Payot).

¹¹ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

¹² Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

inofensivo, porque dominado pela razão e pela vontade. Ora, a existência de um pensamento inconsciente significa que **o homem não é mais senhor em sua própria casa** - seus desejos lhe são soprados, à sua revelia, por uma parte de si que ele ignora.¹³

E a ferida é tripla. Primeiro, essa região oculta que determina as motivações profundas é muito mais vasta que o eu consciente: como no *iceberg*, a parte emersa talvez represente apenas um décimo da submersa. Segundo, essa parte escondida é tão impenetrável ao sujeito quanto o psiquismo alheio. Terceiro, dizer que o essencial da energia da conduta provém das tendências sexuais - a **libido** - parece privar-nos da liberdade e da moralidade, reduzindo-nos a fantoches dotados da consciência ilusória de sermos livres.¹⁴

Para superar a mera reação afetiva de repulsa, é preciso perguntar se o sentido que Freud confere aos termos “inconsciente” e “sexualidade” não é inteiramente diverso do usual. É o que os dois tópicos seguintes examinam.¹⁵

2.2 O inconsciente como o essencial da vida psíquica

2.2.1 A tese radical: o inconsciente é o próprio psíquico

Freud vai além da ideia banal de que haveria mais inconsciente do que consciente nos fenômenos psíquicos. Não basta dizer que o inconsciente é importante; é preciso afirmar que **“o inconsciente é o psíquico ele mesmo”**. Nem todo pensamento é inconsciente, mas todo pensamento reside primeiro no inconsciente. O que Freud demonstra não é a existência do inconsciente, mas a derivação e a dependência de todo o psiquismo em relação a ele: o inconsciente inclui o consciente como um círculo largo inclui um mais estreito, prefigurando-o e determinando-o.¹⁶

¹³ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

¹⁴ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

¹⁵ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

¹⁶ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre). FREUD, Sigmund. *L'interprétation des rêves*. Paris: Presses Universitaires de France,

Como conhecer o inconsciente, se tudo o que conhecemos pertence ao consciente? Apenas de modo refratado, através do que escapa mais visivelmente ao controle da consciência: os **sonhos** (pois o sono afasta a consciência - “a interpretação dos sonhos é a via régia que conduz ao conhecimento do inconsciente”), as **neuroses** e os **atos automáticos** que nos escapam. O principal aporte concreto da psicanálise é, assim, alargar o domínio do que tem sentido: fenômenos tidos por aberrantes e absurdos passam a exprimir intenções e desejos, como atos psíquicos tão completos quanto os conscientes.¹⁷

2.2.2 O ponto de vista descritivo: pré-consciente e inconsciente propriamente dito

Numa primeira definição, puramente **descritiva**, o inconsciente é o conjunto dos fenômenos psíquicos provisória ou definitivamente inacessíveis à consciência. Cumpre, porém, distinguir. As lembranças, hábitos e reflexos momentaneamente latentes, mas recuperáveis por esforço de memória ou por acaso (uma fotografia antiga que evoca uma época da vida), formam o **pré-consciente** - o inconsciente temporário, mais ou menos disponível.¹⁸

O termo **inconsciente**, em sentido estrito, reserva-se às representações (ideias, imagens, traços mnêmicos) permanentemente fora do alcance da consciência. Tais representações ligam-se estreitamente às **pulsões** fundamentais - as tendências ou “impulsos” de dois tipos: pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. As pulsões não são nem psíquicas nem corporais: situam-se no limite dos dois domínios, traduzindo no psíquico as exigências biológicas.¹⁹

O pensamento inconsciente é dominado pelo desejo, busca sempre o prazer e não se submete nem à cronologia nem à lógica. Um traço, porém, é

[s.d.].

¹⁷ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre). FREUD, Sigmund. *L'interprétation des rêves*. Paris: Presses Universitaires de France, [s.d.].

¹⁸ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

¹⁹ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

decisivo: os conteúdos inconscientes são impelidos, por seu próprio dinamismo, a tornarem-se conscientes - **todo inconsciente tende a passar à consciência**.²⁰

2.2.3 O ponto de vista dinâmico: recalque e censura

Se essa tendência pudesse exprimir-se livremente, não haveria inconsciente verdadeiro e definitivo. A experiência mostra, contudo, que uma força se opõe à entrada de todo o inconsciente no consciente: o **recalque** (*refoulement*). Do ponto de vista **dinâmico** - não mais descritivo -, o inconsciente é o recalcado. Os elementos recalcados exercem pressão contínua rumo ao consciente; o recalque é a contrapressão em sentido inverso, o que supõe do indivíduo um **dispêndio constante de energia** para manter o equilíbrio.²¹

Para concretizar o mecanismo, Freud supõe uma instância de controle: a **censura** - chamada nas conferências de *ideal do eu* e, mais tarde, de *superego*. Comparada a um guardião, ela inspeciona cada tendência vinda do inconsciente e, se lhe desagrade, fá-la retroceder, ainda que já tenha penetrado no pré-consciente. Ponto crucial: a censura que opera o recalque **não se situa no eu consciente, mas num nível inconsciente do eu** - é o “mecanismo de defesa do eu” contra a intrusão de tendências anárquicas, perigosas e exageradamente exigentes.²²

Freud representa esses “lugares” do aparelho psíquico - inconsciente, pré-consciente, consciente - no que denomina **tópica** (do grego *topos*, lugar): a direção espontânea dos processos psíquicos vai do inconsciente ao consciente; a censura é a barreira entre inconsciente e pré-consciente, que mantém o recalcado fora ou o faz retornar quando este penetra “por força ou por astúcia”. O próprio Freud reconhece tratar-se de uma imagem: o

²⁰ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

²¹ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

²² Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

psiquismo consciente apresenta partes sistematicamente cortadas, como um jornal “censurado” a tinta preta pela autoridade policial.²³

O exemplo privilegiado é o do **complexo de Édipo**: o menino de cinco anos fantasia possuir a mãe só para si, desposá-la, ter filhos dela; sentindo-se culpado perante o pai, fantasia também ser castrado como castigo. Tais fantasias são fortemente recalcadas na evolução ulterior, porque o eu seria comprometido, em suas relações com os outros, pela intrusão de desejos tão inconfessáveis quanto irrealizáveis. O *Hamlet* de Shakespeare ilustra o recalque malogrado: o herói não consegue vingar o pai porque sabe, no fundo do inconsciente, que o assassino é ele mesmo - ele, que desejava a morte do pai e a união com a mãe.²⁴

2.2.4 O retorno do recalcado: a psicanálise como desmistificação das satisfações ilusórias

Mesmo bem-sucedido, o recalque nunca é perfeito. As representações recalcadas tendem perpetuamente a ressurgir, e barrar-lhes o caminho é, para o eu, um **trabalho de Sísifo** - no neurótico, essa luta absorve a maior parte da energia e paralisa a atividade exterior. Os desejos recalcados encontram, porém, vias oblíquas: obtêm **satisfações substitutivas**, indiretas e simbólicas, à revelia da consciência. É o que Freud chama **retorno do recalcado**, que se traduz nos atos falhos, nos sonhos e nos sintomas neuróticos.²⁵

Toda a psicanálise nada mais é do que o estudo dessas substituições: trata-se de mostrar a relação entre uma manifestação aparentemente absurda e um desejo inconsciente. Ela pode definir-se, em fórmula feliz de Haar, como a busca e a **desmistificação das formas ilusórias de satisfação**.²⁶

²³ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

²⁴ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

²⁵ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

²⁶ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

2.3 O papel decisivo da sexualidade

2.3.1 A ampliação do conceito: contra a sexualidade “restrita”

É impossível apreciar o papel que Freud atribui à sexualidade sem compreender que ele **alarga consideravelmente** o seu campo. “O que se entende por sexualidade fora da psicanálise”, diz Freud, “é uma sexualidade inteiramente restrita”: limita-se o sexual às condutas voltadas ao ato sexual, identificando-o à **função reprodutiva**. Tal definição, porém, não explica os modos “desviantes” de satisfação (masturbação, homossexualidade, perversões em que outras partes do corpo são fonte de prazer) - nem sequer um ato simples e dotado de valor próprio como o beijo.²⁷

Freud demonstrará que a vida sexual não surge pronta na puberdade, mas **começa na primeira infância**, no lactente; e que não se limita aos órgãos genitais, investindo o corpo inteiro. As **zonas erógenas** - capazes de excitar o desejo - não se restringem às regiões genitais: o pé, os seios, qualquer parte pode ser investida de função erógena conforme a evolução individual. A energia na base dessas impulsões, a **libido**, é essencialmente **plástica e móvel**: seu recalque é a causa preponderante dos distúrbios psíquicos; sua **sublimação** - desvio do fim sexual para fins ideais - explica a maior parte das produções culturais, sociais e artísticas da humanidade.²⁸

Contra a acusação pejorativa de “**pansexualismo**” (“ver sexualidade em toda parte”), Haar observa que ela só se justificaria se as pulsões sexuais fossem as únicas - e não são: nem tudo se reduz à sexualidade - e se a sexualidade fosse mecanismo rígido, voltado a fins prefixados. Ao contrário: desvinculada da procriação, a sexualidade é **potência indeterminada**, mera possibilidade que pode desembocar em realidades

²⁷ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre). FREUD, Sigmund. *Introduction à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1970. (Petite Bibliothèque Payot).

²⁸ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

diversas - relações amorosas, mas também um laço social ou uma obra literária.²⁹

2.3.2 A sexualidade infantil e a “perversidade polimorfa”

Nada scandalizou mais do que a descoberta de que **as crianças têm vida sexual** - e de que essa sexualidade é “perversa”. A perversão consiste em recusar o fim normal da sexualidade (a união genital apta à procriação); ora, a criança encontra prazer sexual fora do ato sexual, que ainda desconhece. Sua sexualidade está em formação, não fixada: antes de concentrar-se nos genitais, o prazer liga-se à **boca** (tudo o que pode tomar ou tocar) e, depois, às funções de **excreção**.³⁰

Longe de atribuir à infância inocência e angelismo, Freud nela detecta uma **“perversidade polimorfa”** - que assume múltiplas formas. Perversidade significa, na criança, ignorância das barreiras morais e dos nojos físicos que a educação lhe inculcará (a barreira do incesto, o asco aos excrementos). A perversão é, nesse sentido, a **forma originária da sexualidade**: as tendências perversas, sobretudo o autoerotismo (prazer sexual solitário), devem sofrer recalque para que a sexualidade se torne normal.³¹

Esse “esquecimento” dos traços infantis - a ameaça, real ou imaginária, de castração; as primeiras descobertas do prazer corporal - é **constitutivo do inconsciente**. As primeiras experiências condicionam todas as condutas ulteriores, normais e anormais: o modo como a criança foi tratada e amada, seus primeiros conflitos com os pais, suas primeiras angústias diante da solidão permanecem indelévels e moldam a experiência futura. Pois o próprio do inconsciente é **nada esquecer, tudo conservar**. O inconsciente define-se como o recalcado e o infantil.³²

²⁹ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

³⁰ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

³¹ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

³² Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

2.3.3 Princípio do prazer e princípio de realidade

Mas seria o inconsciente também o sexual? Sim, responde Freud - sobretudo porque a sexualidade não é uma função entre outras, mas a **única função que concerne ao organismo inteiro** (todos os órgãos podem, além do papel fisiológico, desempenhar papel sexual, por vezes simbólico) e a única que ultrapassa o indivíduo. O inconsciente tende à busca do prazer - e, forçosamente, do prazer sexual, o mais intenso acessível ao homem. Toda a atividade do inconsciente é regida pelo **princípio do prazer**: ele não conhece outro.³³

A vida em sociedade, o trabalho e a própria unidade da personalidade seriam, contudo, impossíveis sob o domínio exclusivo desse princípio: viveríamos só no presente, perseguindo a satisfação simultânea de todos os desejos, num egoísmo desenfreado. O inconsciente deve, pois, ser continuamente recalcado, mas também **canalizado e utilizado** - pois é a fonte de toda a energia psíquica - em proveito do **princípio de realidade**. A realidade significa o contrário do inconsciente: a escolha, a paciência, a permanência e a sucessão no tempo, a construção das obras e o estabelecimento de relações humanas duráveis.³⁴

- **Lógica do tema (Por que ler Freud e as teses fundamentais da psicanálise)**

A lógica do sistema apresentado por Michel Haar articula-se em três movimentos encadeados. **Primeiro movimento - a justificação da leitura**: Freud deve ser lido hoje não apesar, mas por causa da banalização de suas ideias. Entre a vulgarização (que dissolve a novidade em lugares-comuns) e o hermetismo dos especialistas (que a confisca), impõe-se retornar ao Freud pedagogo, que expõe com clareza, progressividade e prudência científica - porque a psicanálise não é sistema filosófico nem crença, mas ciência nascida de uma prática terapêutica (a cura pela palavra) e sempre revisável pelos fatos.

³³ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

³⁴ Cf. HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).

Segundo movimento - a primeira tese (o inconsciente): a arquitetura conceitual obedece a uma progressão rigorosa. Parte-se da tese radical (o inconsciente é o próprio psíquico, não um apêndice dele); passa-se à definição descritiva (distinção entre pré-consciente, temporariamente latente, e inconsciente, permanentemente inacessível); chega-se à definição dinâmica (o inconsciente é o recalado, mantido fora da consciência pela censura, guardião inconsciente do próprio eu). O sistema fecha-se com o retorno do recalado: como o recalque nunca é perfeito, o desejo obtém satisfações substitutivas e simbólicas - e é exatamente aí que nascem os três objetos da psicanálise: atos falhos, sonhos e sintomas neuróticos.

Terceiro movimento - a segunda tese (a sexualidade): a mesma estratégia de ampliação conceitual. Assim como o psiquismo não se reduz à consciência, a sexualidade não se reduz à genitalidade e à procriação: ela começa na infância, investe o corpo inteiro (zonas erógenas) e repousa numa energia plástica (libido), capaz de recalque (fonte das neuroses) ou de sublimação (fonte da cultura). A “perversidade polimorfa” infantil revela que a perversão é a forma originária da sexualidade, normalizada pelo recalque educativo - e o esquecimento dessa infância é constitutivo do inconsciente, que nada esquece.

A síntese final do sistema é o **conflito estrutural** entre dois princípios: o princípio do prazer (que rege o inconsciente, atemporal, alógico, egoísta) e o princípio de realidade (que torna possíveis a sociedade, o trabalho e as relações duráveis). Toda a vida psíquica - normal e patológica - é o equilíbrio, sempre custoso e sempre precário, entre essas duas forças. Compreendida essa chave, os capítulos seguintes (atos falhos, sonhos, neuroses) serão apenas a verificação, em campos distintos, de um único e mesmo mecanismo: o compromisso entre o desejo inconsciente e a censura.

Quadro Sinótico

Tema	Explicação do instituto
-------------	--------------------------------

Atualidade da leitura de Freud	A psicanálise entrou nos costumes, mas sofre dupla deformação: a vulgarização, que reduz suas descobertas a lugares-comuns (“ter complexos” = “ter inibições”); e o hermetismo dos especialistas, que a torna inacessível. Ler Freud é recuperar o sentido originário das ideias, repetindo o esforço pedagógico do próprio autor.
Natureza da psicanálise	Não é sistema filosófico nem crença; é ciência nascida de uma prática. A teoria não precede a prática: antes de doutrina, a psicanálise é método de cura fundado exclusivamente no intercâmbio de palavras entre paciente e analista. Suas hipóteses são sempre revisáveis diante de fatos novos.
Método expositivo de Freud	Progressivo e cumulativo: cada lição traz poucos elementos novos; os resultados impõem-se por acumulação convergente de fatos. Reflete a exigência científica de prudência, precisão e minúcia. Estilo claro, sóbrio, lógico; casos clínicos apresentados como enigmas policiais.
As duas “feridas” freudianas	O inconsciente fere o preconceito intelectual: o homem não é mais senhor em sua própria casa; a parte consciente é como a ponta do iceberg (um décimo do total). A sexualidade fere o preconceito estético-moral: a energia da conduta provém da libido, ameaçando a imagem do “animal racional” herdada de Platão.
Inconsciente (tese radical)	“O inconsciente é o psíquico ele mesmo”: todo pensamento reside primeiro no inconsciente, que inclui e determina o consciente como um círculo largo inclui um estreito. Conhecemo-lo apenas refratado: pelos sonhos (via régia), pelas neuroses e pelos atos falhos.
Pré-consciente	Definição descritiva: conjunto dos conteúdos psíquicos momentaneamente latentes, mas disponíveis - lembranças, hábitos, reflexos -, recuperáveis por esforço de memória ou por evocação acidental. É o inconsciente temporário.

Inconsciente estrito	Representações (ideias, imagens, traços mnêmicos) <i>permanentemente inacessíveis à consciência</i> , ligadas às pulsões fundamentais. Pensamento dominado pelo desejo, alheio à cronologia e à lógica; tende, por dinamismo próprio, a passar à consciência.
Pulsões	Tendências ou “impulsos” de dois tipos: sexuais e de autoconservação. Não são nem psíquicas nem corporais: situam-se no limite dos dois domínios, traduzindo no psíquico as exigências biológicas.
Recalque (recalcamento)	Definição dinâmica do inconsciente: o inconsciente é o recalcado. Força que impede a entrada do inconsciente no consciente; contrapressão permanente que exige dispêndio constante de energia. Nunca é perfeito: barrar o recalcado é “trabalho de Sísifo”.
Censura (ideal do eu; futuro superego)	Instância de controle comparada a um guardião que inspeciona cada tendência vinda do inconsciente, fazendo-a retroceder se lhe desagrade. Situa-se em nível inconsciente do eu - não no eu consciente. É o “mecanismo de defesa do eu” contra tendências anárquicas e perigosas.
Tópica	Representação espacial dos “lugares” do aparelho psíquico (do grego topos): inconsciente, pré-consciente e consciente. A direção espontânea dos processos psíquicos vai do inconsciente ao consciente; a censura é a barreira entre inconsciente e pré-consciente. Imagem: jornal “censurado” a tinta preta.
Retorno do recalcado	Satisfações substitutivas, indiretas e simbólicas que os desejos recalcados obtêm à revelia da consciência. Traduz-se nos atos falhos, sonhos e sintomas neuróticos. A psicanálise é o estudo dessas substituições: a desmistificação das formas ilusórias de satisfação.
Complexo de Édipo (exemplo de recalque)	Crise do menino de cinco anos: fantasias de possuir a mãe e temor da castração pelo pai. Fortemente recalcado na evolução ulterior, pois comprometeria o eu. Hamlet ilustra o recalque malogrado: não age porque, no inconsciente, o assassino desejado é ele

	mesmo.
Sexualidade ampliada	Contra a sexualidade “restrita” (identificada à reprodução), Freud demonstra: a vida sexual começa na infância; investe o corpo inteiro (zonas erógenas móveis: boca, pé, seios); não se limita aos genitais. Só assim se explicam o beijo, a masturbação e as perversões.
Libido	Energia na base das impulsões sexuais. Essencialmente plástica e móvel. Seu recalque é a causa preponderante dos distúrbios psíquicos; sua sublimação explica as produções culturais, sociais e artísticas da humanidade.
Sublimação	Desvio da libido de seu fim sexual para fins ideais e socialmente superiores. Fundamento da cultura, da arte e da vida social.
“Pansexualismo” (crítica refutada)	A acusação só valeria se as pulsões sexuais fossem as únicas (não são) e se a sexualidade fosse mecanismo rígido com fins prefixados. Desvinculada da procriação, ela é potência indeterminada: pode realizar-se em relações amorosas, num laço social ou numa obra literária.
Perversidade polimorfa	Caráter da sexualidade infantil: prazer sexual fora do ato sexual (que a criança desconhece), sob múltiplas formas (fase oral; funções excretoras). Significa ignorância das barreiras morais e dos nojos que a educação inculcará. A perversão é a forma originária da sexualidade.
O infantil e o inconsciente	O esquecimento das experiências infantis (ameaça de castração, primeiras descobertas do prazer) é constitutivo do inconsciente, que nada esquece e tudo conserva. As primeiras impressões moldam todas as condutas ulteriores. O inconsciente define-se como o recalcado e o infantil.
Princípio do prazer	Único princípio que rege o inconsciente: busca do prazer (forçosamente sexual, o mais intenso) e fuga do desprazer. Sob seu domínio exclusivo, viveríamos só no presente, em egoísmo desenfreado.

Princípio de realidade	Contrário do inconsciente: escolha, paciência, permanência, sucessão temporal, construção de obras, relações humanas duráveis. Exige o recalque e a canalização do inconsciente - fonte, contudo, de toda a energia psíquica.
-------------------------------	---

Referências

FREUD, Sigmund. *Introduction à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1970. (Petite Bibliothèque Payot).

FREUD, Sigmund. *L'interprétation des rêves*. Paris: Presses Universitaires de France, [s.d.].

HAAR, Michel. *Introduction à la psychanalyse, Freud: analyse critique*. Paris: Hatier, 1973. (Profil d'une œuvre).